

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 19 DE MARÇO DE 1897
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 116

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	A REDACÇÃO.
«A Semana».....	J. DO EGYPHO.
Historia dos sete dias.....	V. MAGALHÃES.
A meu pae.....	F. D'ALMEIDA.
A morte do avô, poesia.....	V. MAGALHÃES.
O nosso morto, sonetos.....	A. CELSO JUNIOR.
Canhenho de um excursionista—VI.....	M.
«Lyrics».....	Duo.
Esboçotes a bico de lapis.....	J. RIBEIRO.
II—Machado de Assis.....	R. OCTAVIO.
Notas philologicas.....	E. MONTEIRO.
Ultimo bello, poesia.....	BIBIANO.
Cartas de Lisboa.....	E. DE OLIVEIRA.
Cofre das graças.....	P. TALMA.
Ausencia, soneto.....	LOAGNON.
Theatros.....	A.
Festas, bailes e concertos.....	S.
Notas bibliographicas.....	FORNARONI.
Jornaes e revistas.....	
A vida siegre.....	
Factos e Noticias.....	
Rucebems.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CÔRTE	
Trimestre.....	28000
Semestre.....	48000
Anno.....	88000

PROVINCIAS	
Semestre.....	58000
Anno.....	108000

Prevenimos os nossos assignantes que se acham em debito vencido em 31 de Dezembro fiodo de que lhes está suspensa a remessa d'A Semana. Em vista dos circulares que lhes enviámos em tempo, e ás quaes não obtivemos resposta, não pôde ser outro o nosso procedimento.

BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo correote anno e ás qua agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Este livro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção da cinco esplendidas caricaturas coloridas de homena celebres de Fraoça, dasenhadas por André Gil, Demare e A. Draux, com as respectivas biographias, escriptas por notaveis publicistas francezes.

— *Pampans*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias da D. Adelina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

— *Evangelina*, poema de P. Longfellow, traduzido por Americo Lobo.

N'este escriptorio compram-se exemplares dos numeros 54, 55, 56, 57, 63, 88, 89, 90, 91, 92, 96 e 110 d'A Semana.

A SEMANA

Inserimos hoje o primeiro artigo de uma serie com que, sob o titulo *Notas philologicas*, o Sr. João Ribeiro, estimado poeta e illustrado cultor da lingua vernacula, vas honrar as nossas paginas.

Abrimol-as gostosamente aos auctorizados na materia que porventura desejem contradictar as opiniões do nosso distincto collaborador, pois estes polémicas sobre a nossa lingua são sempre interessantes e geralmente proficuas.

Contiôa hoje o Dr. Affonso Celso Junior com o seu precioso *Canhenho*, tractando, com extraordinario talento de observação o bella forma, da curiosa seita dos *Mormons*. Embora seja ocioso, não nos cansaremos de recommendar estes notaveis escriptos do auctor das *Télas Sonantes*.

A REDACÇÃO

HISTORIA DOS SETE DIAS

Com o pretexto de ter publicado um livro de versos e de precisar adormecer com elles a provincia de S. Paulo, pirou-se o *Filindal*, deixando-me nos debeis braços a estupenda estopada d'esta *Historia*.

Felizmente o paginador, piedoso e José, veio recommendar-me que encurtasse, que encurtasse a *Historia*.

Tranquillisa-te amigo: hei de occultar-a, sentindo apenas não poder encartar-a tanto que d'ella só pudessem notar os leitores... a ausencia.

Revistemos, pois, pela rama os principaes factos dos sete ultimos dias.

Um dos mais patuscos foi o da missa que, em regosijo pelo restabelecimento do Imperador, um cidadão, amante da Monarchia e do *cavaignac*, mandou resar na matriz de Nictharoy, mas qua se não realisou por tel-a prohibido o respectivo vigario, conego Felipe, perdão: coeogo João Aureliano, que deu como rasão do seu espantoso *edto* o não ter sido S. Rvm.

préviamente ouvido nem cheirado — cheirado principalmente—sobre a dicta missa.

Se se tractasse de missa pela morte de qualquer *Zé Codea* ou pelo restabelecimento de qualquer *Mané Coco*, não seria tão estranhavel o facto. Mas tractando-se de uma missa em accão de graças pela restauração da imperial saúde—é inconcebival!

Diz-se que n causa verdadeira e occulta d'essa turricio do Sr. vigario foi ter em tempos, freguez que lhe encomendara a dicta missa, *botado* o Sr. vigario nas folhas porque S. Rvm. tinha o gostoso costume de dar beija-mão ás meninas, principalmente ás bonitas.

Mas eu desconho que a verdadeira causa é pretender, S. Rvm. recomendar-se ao Imperador como republicano a ver se S. M. criará uma pasta especial dos cultos e o nomeará ministro d'ella.

Ou então, se tambem não é isto, é porque quer apanhar alguma *tecia* para a batina. Infelizmente até agora não tem sido *tecias* o que S. Rvm. tem apanhado.

«Estes padres de agora
São desabusados...»

como bem diz uma velha modinha erótica e herética.

Outro caso curioso foi o foga de uns autos do poder do escrivão do 2º cartorio do jnry. Nada menos de dois processos, um dos quaes n do infeliz Milheiro.

Teve logar a triste fuga em um bond da Alegria. O Sr. escrivão veio explicar pela *Gazeta* que não perdeu o emburliho dos taes autos, que têm mais de trinta cadernos de papel, mas que lhe foram subtrahidos por mão mysteriosa e habil.

Felizmente foram encontrados hontem ás 6 horas e 17 minutos da manhã em um bond do Cajú, e entregues na estação da rua Visconde de Itaúna pelo conductor chapa n. 89. Ainda bem.

O caso explica-se facilmente.

Os taes processos andavam caiporas e foram dar um gyro para disfarçar os peadumes. Passearam não poucos dias, e em não poucos bonds, naturalmente. Se os não apanhassem tão cedo, os diabos seriam capazes de tomar o trem de ferro e ir até Cascadura ou Maxambomba.

Parabens ao escrivão Braodão e principalmente aos autos viajantes. A estes damos de conselho que se deixem de passear sósinhos:—esta cidade é cheia de perigos e *contos do vigario*; áquelle aconselhamos que, para evitar outras fugas de autos, lhes ponha uma colleira com campainhas. Assim S. S., caso algum d'elles vanha d'ora avante a fugir-lhe, onvirá as campainhas a, pelo

costume, irá marchando atrás d'elle até apanhal-o.

Está pegando nos jornalistas a moda de se cho marem *miseráveis* uns aos outros.

O *Paiz*, de 17, fechou um valente artigo contra o *Jornal do Commercio* dizendo-lhe esta gracioza:

«E' nossa opinião, porém, que este máu estado de cousas só pôde cessar por dous modos:

« Ou nobliodo nós mesmos as praticas viciosas que nos deshonram;

« Ou appellando os injuriados para o unico recurso que lhes resta — o de responsabilisarem *personalmente*, não aos miseráveis que por dinbeiro neitam a responsabilidade legal das *diffamações*, mas aos miseráveis mais graduados que tambem por dinheiro autorisam e dão publicidade ás mesmas *diffamações*. »

2. Não se assuste o leitor que não terá, para se divertir, segnda edição da *Iha d'Agua*.

Já se tornou moda entre os homens de Imprensa dizerem-se e ouvirem-se impunemente d'estas amabilidades.

Tanto que o *Jornal*, hontem, apenas respondeu... não com duas testemunhas e um cartel de desafio, mas—como era de esperar dos habitos pacatos do grande orgão—com tres ou quatro varias *Varias*.

A mais terrivel foi esta:

« Jurou o *O Paiz* metter o *Jornal* no fuodo dos seus artigos; são porém tão leves que duzentos empilhados uns em cima dos nutros não bão de afogar ninguém. »

E' forçoso confessar que respondeu admiravelmente, com estpnda dignidade e nunca visto heroismo.

Se neste paiz algum ou alguma cousa pndesse desmoralisar-se, ou, desmoralisando-se, algo perder com isso, a imprensa poderia desmoralisar-se e decahir no cocaito publico. Como, porém, isso não é felizmente possível, estas continuas trocas da insulso e porcarias, longa de fazerem com que ella revolte on indisponha contra si o publico — divertem-o, dá-lhe prazer.

Lembro o escrutinio proposto por *Phébo-Apollo* n'A Semana ultima:

« Senhores meus, por abí
Quem é que tem mais vergonha? »

Mais um suicidio: o do Sr. major Timotheo de Souza Espiodola, tio do nosso collaborador Urbano Dnarte.

Era sexaguario a deixou viuva e sete filhos! A causa d'esse acto da loucura—pois não pôde ser outra cousa suicidar-se um homem que deixa viuva a aete filha sem lhes deixar fortuna—foi, ao que parece, a perda de uma demanda.

O enicidio é o heroismo dos cobardes, a for-a dos fracos.

Desgraçados os que, como aquelle,

ee esquoceem de que a sua vida já não é sua, mas da familia que constituíram, que não têm o direito de servir-se do seu braço para dar-se a morte, porque têm o dever de com elle sustentar a vida de sua mulher e de seus filhos!

Outro facto que impressionou tristemente a população foi o que sob o titulo «Feroicidade» nos conta a *Gazeta de Noticias*. É uma das paginas mais horrosas da tragedia da Escravidão. Um senhor, para castigar um dos seus burros humanos pelo crime de haver comido uma canna de assucar, arrancou-lhe com uma torquez varios dentes e quebrou muitos outros, depois de o haver moido a pauladas e mettido a ferros.

O estado d'esse infeliz era tal que os medicos perites que o examinaram disseram terem ficado *espantados* deante de tantas e tão feias cicatrizes e sevicias.

O facto passou-se em Itajubá. Que horror e que vergonha para este paiz de carrascos legaes, que tem, no entanto, a petulancia de se apresentar ao mundo como civilisado!

Se D. Maximo Santos contar estas nossas bellezas a algum jornal da sua terra não faltará quem o chame calumniador e inimigo gratuito.

Infelizmente, por muito que S. Ex. carregasse nas tintas não conseguiria pintar o quadro tão negro como elle é. Infelizmente!

JOSE DO EGYPTO.

A MEU PAE

Quatro annos hoje completam-se que falleceu aquelle a quem com a existencia devo o amor do trabalho e da honra.

Se triumphos me fosse licito esperar nesta espinhosa carreira das Letras, se a Gloria pudesse eu por ventura ter titulos algum dia, esses triumphos e esses titulos eu os alcançaria, á eusta embora de inhumanos esforços, para lh'os dar a elle, de cuja vida eu era o orgulho, a alegria e a esperança; a ello que foi o melhor dos paes e o mais leal e bondoso dos companheiros.

Bem sei que as intimas alegrias e as maguas intimas do coração não devem d'elle sahir, que as saudades negras e pungentes de que se alimenta a alma, temperando-se nellas como em um veneno balsamico, não devem ser conhecidas do mundo, quo as não pôde comprehender porque não as pôde sentir, porque lhes são indifferentes.

Mas entre a praxe catholica da missa de anniversario, em que não creio, mas a que os deveres sociaes me obrigam —resada a troco de alguns mil réis por um padre mais ou menos lorpae, a manifestação publica do que devo em amor, gratidão e respeito á memoria do meu velho, eu não hesito.

Perdô-me a Igreja se prefiro ás suas esta missa, que tem o coração por altar e por celebrante o unico que poderia exaltar preces ao Céu pela paz d'aquella alma e ajoelhar-se ante a sua memoria.

Além de que, se o homem todo não se extingue no tumulo, se á morte alguma cousa sobrevive d'elle, se isso que se convencionou chamar *alma* não morre com a carne no apodrecedouro do cemi-

terio, meu pae, que tinha sómente a religião do Dever e do Trabalho, e que adornava os meus pobres escriptos, receberá esta commemoração singela como a unica que eu lhe devesse fazer. Eu, que não cheguei a conhecer minha mãe, que tive a madrugada da vida ensombrada pelos crépes da orphandade, tinha concentrado naquelle homem todos os affectos do meu coração de filho e procurava compensar-me da perda irremediavel do amor de minha mãe com o amor de meu pae.

Annos depois, não muitos, quando eu pensava poder pagar-lhe em carinho, em respeito, em auxilio, em contentamentos aquella dupla divida sacristissima; quando elle começava, na sua sancta cegueira, a orgulhar-se de ser meu pae e eu começava a provar-lhe que sómente a elle devia e deveria tudo quanto eu lhe pudesse dar em jubilos e consolos— elle cahio prostrado, subitamente, como annoso tronco robusto abatido pelo raio; morreu, levando nos olhos baços a imagem dos filhos; morreu na indizível e atrocissima tortura da separação barbara, violenta, fatal, de tudo quanto o prendia pelo coração aos grilhões da existencia, de seu filho, do unico fructo do seu primeiro abençoado eulace, e do filho d'esse filho, do seu idolatrado primeiro neto, do seu *Tim-tim*, cuja cabeça beijava com os labios frios e as tremulas mãos agonizantes.

Oh! é superior á intelligencia humana a comprehensão d'essa dor monstruosa, d'esse medonho desespero de se ver um homem, em plena posse de sua intelligencia, pouco a pouco arrancado dos entes extremecidos a quem dêra o ser e, principalmente, d'aquelle entesinho risonho e puro que era duas vezes seu filho, que, na phrase de Victor Hugo, o fazia entrar segunda vez na aurora, que o enchia de alegrias e de esperanças, que o fazia crismar segunda vez!

E' principalmente para esse infante que traço tremulamente estas linhas. Elle ha de lê-las um dia e comprehenderá então a minha dor e a perda que ambos soffrêmos.

Quem foi aquelle homem excepcional, cujo talento e cujs energia moral os ventos caprichosos da vida atiraram á obscuridade —talvez por piedoso favor da sorte!— disse-o singelamente em uns tercetos adoraveis o meu querido amigo Filinto de Almeida.

Meu pae estimava-o devêras. Foram amigos. Tambem o grande poeta da *Lyrice* teve lagrymas para chorar-lhe a morte; que ellas se junctem ás minhas e ás d'aquella de quem tambem foi pae e aos sorrisos do seu *Tim-tim*— que ainda não pôde choral-o— para commemorar-lhe o inolvidavel passamento e consagrar-lhe a veneranda memoria.

VALENTIM MAGALHÃES.

19 de Março de 1887.

A MORTE DO AVO

A VALENTIM MAGALHÃES

Finou-se no começo da ventura
Que lhe sorria no primeiro neto,
O seu *Tim-tim*, alma celeste e pura.

Al! que não ha nenhum prazer completo,
E nem ha goso que não seja um dia
De um amargura súbita repleto!

Quando o afagava, quando lhe sorria
Parece que o seu rosto illuminava
O clarão de uma intimo alegria.

Todo o seu busto rígido vergava
Para beijar o filho do seu filho,
Que elle tão fundamente idolatrava.

Via-o da vida pelo immenso trilho,
E nem sonhava que talvez pudesse
A Dor cravar-lhe o rabido colmilho.

Em toda a parte estava onde estivesse
O seu netinho trefego e ruidoso,
Para saber do que lhe acontecesse.

«E' lindo como um cravo», radioso
Disse-me um dia, como se previsse
Já ser aquelle o derradeiro goso!

E não sei bem que harmonica meiguice
Na sua voz havia nesse instante,
Que pareceu ser musica o que disse!

E a sua fala, grossa e bemsoante,
Toda melifluamente concertada
Para falar ao loiro e branco infante,

Parecia planger uma ballada,
Um canto estranho, uma aria maviosa,
De uma doçura humida orvalhada.

E nos seus bellos sonbos cor de rosa
Já o via crescer e adolescente,
Da vida pela estrada luminosa;

Via-o depois seguir, forte e valente,
As eternas conquistas da Justiça,
Cbeio de fogo, sobranceiramente;

Via-o surgir intrépido na liça,
Atendo o pharol da Liberdade
E do Direito a alampada morticã.

E, então, volvia, cbeio de saudade,
Oolbar ao tempo em que elle, lnda criança,
Dava os vagidos da primeira idade...

E fugiu e voou tanta esperança!
Despedaçou-se o luminoso espelbo
Que só agora brilha na lembrança!

Tu, que inda tens o olhar fundo e vermelho,
Desta amizade acolbe-te ao abrigo:
Para chorar a morte do bom velho

Eu tambem tenbo lagrymas, emigo.

4 de Abril de 88.

(Da *Lyrice*)

FILINTO D'ALMEIDA.

O NOSSO MORTO

(A' MINHA MULHER)

I

Ab! só elle não volta! o sol dourando
Veio de novo as nuvens e as campinas...
E pelo azul jovial, de bando em bando,
Saltam, vibram canções e cavatinas.

Canta o céu, ri-se a terra, como quando
Tomou-lhe a morte as mãos, brancas e finas
E até no seu sepulchro venerando
Fazem orgia as rosas e as boninas!

A Natureza, Deus, ou o quer que seja,
Roubou-nol-o e passou. Sómente a igreja
Finge saber esse mysterio atroz.

«Quem vai, não volta» diz-nos o Evangelho.
Ab! nunca mais beimos de ouvir a voz,
A boa e meiga voz do nosso velho!

II

O nosso «velho»! O nosso pae, Deolinda!
Vamos, não chore. Ouve-me: coragem!
Morreu. Parece-me, entretanto, ainda,
Que logo vne chegar de alguma visgem...

Elle oh! vem... A madrugada é linda,
Os cancellos a abrir acode o pagem...
E elle chega a sorrir... Ah! como linda
Rapidamente a perda miragem!

«Morro, no seu velho e intrepido covollo,
Dos bons e dos máus tempos camrada,
Anda no campo, atão, a procurar-o...

E aqui, na triste mesa abandonada,
Descubro a derradeira carta escripta
Com sua letra inglesa, ampla e bonita.

III

Em tudo, em toda parte, s todo instante,
Encontro e beijo o nosso morto amold;
E esta implacavel dor, fria e cortante,
E' para mim um balsamo sagrado.

E' o meu allivio este soffrer constante,
Quero-o mais acre e sempre renovado,
Como um laudano atroz e deliciante,
Que me envenena e traz-me consolado.

Tu, que és crente e que és bôa, tu que esperas
Vel-o inda um dia—ora por elle, e ensina
Ao nosso anginho ests terrivel dor.

— Que no florir de suas primaveras,
Nunca lhe esqueça a alma crystallina,
Da qual foi elle o derradeiro amor!

VALENTIM MAGALHÃES.

Março—1888.

CANHENHO DE UM EXCURSIONIST

VI

OS MORMONS

Custou-me a obter em Washington
algumas recommendações para Salto,
Lake City, capital do territorio de
Utah! Retrahiam-se os meus melhores
amigos logo que eu lhes communicava
o proposito de ir visitar os mormons.
A senhora do senador Jones, que até
então me dispensara as maiores gen-
tilezas, franziu a testa quando o soube,
e, de desculpa em desculpa, não me deu,
afinal as prometidas cartas de apre-
sentação para seus parentes em Omaha
e S. Francisco. E' que inspira verdadeir
repugnancia ás classes dirigentes dos
Estados-Unidos a seita polygama de
Smith. Não cessam de attacal-a os pul-
pitos e os jornaes. Rigorossissimas medi-
das, francamente attentatorias, algu-
mas, das garantias da Constituição, têm
sido promulgadas contra ella pelo Con-
gresso. Consideram-na uma nodosa,
uma vergonha para a civilização ame-
ricana. As senhoras de alta sociedade,
sobretudo, não se referem aos mormons
sem um gesto de nojo, julgando con-
taminado quem os procura. Não se
calcula intolerancia igual! Isso tado,
porém, só servia para redobrar o meu
desejo de estudar de perto essa extra-
ordinaria gente, que, a despeito da má,
implacavel guerra, vai prosperando
de um modo prodigioso, constituindo a
região em que habita uma curiosidade
a um tempo geographica e social. Partí
de Washington numa fria e escura
noite de Janeiro, tomando *unlimited
ticket* até S. Francisco da California.
Assim se denomina o bilhete que dá ao
passageiro que vai do extremo de uma
linha ferrea ao outro o direito de parar
em qualquer das estações intermedia-
rias e proseguir depois a viagem, com-
tanto que não ultrapasse no todo o

prazo de um mez. Viajando quasi sempre á noite nos esplendidos *sleeping-cars*, verdolhosos lotéis aubantales, com todo o conforto posavel, visitei d'esta maneira Pittsburg, celebre pelas suas grandes fabricas de vidro e de aço; Alleghany, separada de Pittsburg apenas pelo Mahagnolla, aobre o qual se estendem pittorescas pontes, ligando as duas cidades; Chicago, o assombroso enaporio do Oeste; colleiro do mundo; Council Bluffs e Omaha, no estado de Nebraska, depois de haver atravessado Mississippi, e mais adiante o Missouri; Grand-Island, Cheyane, Shermaa, ponto culminante das Montanhas Rochosas, Rawlins e Ogden, primeira cidade de Utah. Ahi passei-me para outro trem de bitola estreita, no qual fiz um trajecto de 2 horas; e, após cinco dias e seis noites de vertiginosa marcha em ostras de ferro, apeei-me finalmente, ás 9 horas de uma bella manhã de inverno, na *gare* da Salt Lake City, appellidada pelos mormons, seus fundadores, Nova Sião. Agrudabilissima a primeira impressão da cidade, situada em um valle e cercada, ao longe, de altas montanhas, em amphitheatro, das quaes se destacam os cumes cobertos de perpetua neve. Ruas largas, cortando-se em angulo recto, profusamente plantadas de arvores frutíferas e provida de pequenos canaes, junto á calçada, por onde corre um jorro de agua limpida.

Entre as edificações, graciosas em geral, sobresalle o Tabernaculo, enorme construção de madeira, de forma oval, com algumas pilares de pedra sustentando o tecto abobadado e colossal. É o logar das orações e dos debates; accommoda, ao que dizem, 15 mil pessoas. Ao lado, rodeado de elevados muros, está o elegante e mysterioso edificio do *Endowment House* (Casa da Dotação) onde só podem penetrar os mormons em estado de casar. Um pouco mais longe, o chalet em que o finado papa Brigham Young viveu com as suas 20 mulheres.

Notam-se igualmente os armazens cooperativos com um grande olho aberto pintado sobre a fachada, sobrepondo o distico — *Holiness to the Lord* (Santidade ao Senhor).

Acolheu-me com a mais perfeita affabilidade o mormon para quem ou conseguira uma carta, circumspecto negociante de cerca de 50 annos. Insistiu para que eu fosse hospedar-me em sua casa, mostrou-me o museu, os mercados, o theatro, os passeios de Salt Lake City, interessante tudo, mas sem nada de especinamente notavel. Convidou-me para uma excursão ao Lago Salgado, o Mar Morto da America, que se estende a alguns kilometros da cidade numa vasta extensão e cujas aguas são tão salgadas e espessas que não admittem peixes, fluctuando sobre ellas os mais pesados corpos.

Narrou-me Mr. Common succintamente a historia da sua religião mormonica, assegurando-me derivar fielmente das tradições biblicas. Tinha 15 annos, em 1820, José Smith, campones dos arredores de Nova York, quando concebeu o plano de reformar os costumes e a religião da humanidade. Annunciou-lhe um anjo que num campo, debaixo de uma pedra, ao pé de certa arvore, encontraria em laminae de ouro o resumo da nova fé. Com o auxilio de dois vidros magicos, fornecidos pelo anjo, — *urim e thurin*, decifrou Smith os hyerogliphos das taes laminae e continuou a ter visões até 1830, anno em que começou a communicar-as ao pu-

blico, dando a lume o livro dos *mormons*, assim chamado em honra a um antigo propheta d'esse nome, precursor da doutrina. A mãe e o irmão do iniciador foram desde logo os seus proselytos. Em 1833, uma revelação complementar definiu o dogma da polygamia.

Com incrível rapidez propogou-se o mormonismo, cujo primeiro templo levantou-se no Missouri, graças a Smith e a seu irmão Hirun, proclamados grandes patriarchas.

Expellidos d'ahi por um motim da população indignada contra a polygamia, durante o qual José Smith foi untado de alcátrão e arrastado, vestido de pennas, pelas ruas, effectuaram os mormons o seu primeiro exodo, indo estabelecer-se no Illinois. Viveram ahi em paz por signas annos, chegando a seu chefe a ser *mair* da localidade, general de milicias e candidato á presidencia dos Estados-Unidos. Novo motim obrigou as autoridades a prenderem-n'o bem como aos membros mais eminentes de sua grey.

O povo, aqulado pelos padres, arrombou-lhes a prisão e assassinou-os. Eleito successor do supremo poder, com o titulo *Leão de Senhor*, resolveu Brigham Young, ouvido o conselho dos 12 apóstolos, enigrar com os seus adeptos para regiões remotas em quo estivessem a salvo de perseguições. Esta segunda hegrira é um dos commettimentos mais heroicos dos tempos modernos. Mais de cinco mil pessoas, entre homens, mulheres e crianças, atiraram-se a pé pelo deserto a fora, offrendo fome, frio, guerra contra os indios e animaes selvagens, mil privações e calamidades. Traaspuzeram rios caudalosos, escantiladas serras, terrenos inhospitos, amparados, ao que criam, por uia protecção especial de Deus. Deperando-se-lhes nas margens do Lago Salgado, que denominaram Jordão, terras ertais e apropriadas ao seu rito, fundaram a *Nova Sião* e a *Egreja de Jesus Christo e dos Santos dos Últimos Dias*. Fixaram-se então ahi definitivamente os artigos do seu Credo, entre os quaes avulta o da practica da polygamia.

Chamam *gentios* aos profanos. Adoptam quasi todos os dogmas christãos e os mesmos sacramentos. O baptismo, porém, faz-se por immersão do corpo inteiro n'uma larga piscina de marmore da *Endowment House*, vestido o sacerdote e o baptisando uma especie de roupa de banhos de mar. O governo é exercido por um chefe e um conselho de 12 apóstolos. Ha uns complicados gerarchia de patriarchas, sacerdotes, antigos, hispas, diaconos etc, confundindo-se o poder espirital com o civil. A verdade é que realisaram genuinos milagres, transformando em menos de 40 annos um ermo rude e aspero num prospero e bello paiz com cerca de 100 mil habitates. Desde 1832 sustentam lucta tremenda com o Congresso com a opinião publica por causa da polygamia. São imperterritos na defeza dos seus principios sagrados. Não se arreceiam da eventualidade de uma guerra civil religiosa. Puros e terriveis fanaticos!

Tudo isto contava-me Mr. Common com austeridade circumspecta, accentuando as palavras de um tom profundamente convencido. Quando, porém, chegou a este ponto, as feições graves transluziu-lhe uma energia indomavel. Levantou-se; os olhos incendiaram-se-lhe; e com voz firme, rapida, eloquente, olhando-me com fixidez, como

que para hypnotisar-me, exclamou violentamente:

«Ousam dizer que somos immoreas pelo facto de termos taants mulheres legitimas quantas podemos sustentar. Mizeria!»

Nós somos exactamente agentes de moralisação, pois reentramos na verdade da natureza humana. A monogamia é anti-natural. Uma só mulher não se torna sufficiente para os inatinctos innatos do homem e contraria o *Crescei e multiplicai-vos* da Biblia.

Quantos filhos pôde conceber ao maximo uma mulher? Uas vinte. Pois n'havem pôde produzir mais de 100? — Brigham Young teve 73. Porque desperdiçar-se esta força productiva?! Os conventos, o celibato, a monogamia constituem crimes contra a natureza. No regimen polygmo não ha infidelidades, não ha escandalos. De resto, nenhum homem jamais foi verdadeiro monogamo. São hypocritas os que o affirmam violando quotidianamente o seu juramento.

Nós somos sinceros e leaes; reconhecemos todos os nossos filhos o respeitamos todas as mulheres que temos amado. Fazemos ás claras o que fazeis á traição. O limite aos abusos está em que somos obrigados a sustentar todas as nossas esposas e em não podermos repudial-as sem justa causa. Entre nós permittit-se o casamento em quasi todos os graus de parentesco:—outra fonte de moralisação. Vede o livro de Deus:—Abraão foi polygamo; Jacob teve 4 mulheres; David herdou as de Saul. E Salomão, o sabio dos sabios? Deus pune o adulterio, mas permittit a polygamia.

Só este systema realisa o fim do matrimonio: multiplicar e apurar a especie; só elle produz condignamente a castidade das mulheres e a boa constituição das crianças. Um marido consciencioso deve afastar-se de sua esposa em certas occasiões. A Biblia assignala precisamente as épocas e as circumstancias d'essa separação. Devem ser pelo menos 2 annos quando a mulher concebe:—9 mezes de gravidez e 15 de amamentação. Quem se sujeitará ao celibato e á esterilidade durante esse periodo? Não o admittindo, somos polygamos. Não podemos tomar 2ª mulher sem acquiescencia da 1ª e sem licença do propheta. Em geral não cohabitamos com nenhuma de nossas esposas, porque a cohabitación traz attritos de caracteres e intimidades inconvenientes. Passamos alternativamente 24 horas em casa de cada uma d'ellas. Descouhecemos as brigas, o adulterio, a prostituição. Todos os viajantes attestam a paz e a ventura de nossas familias. E's vida patriarchal com os aperfeiçoamentos da civilisação. Nosso mecanismo conjugal funciona perfeitamente. Quando o Congresso quiz abolir a nossa seita, foram as nossas mulheres que mais alto protestaram. Oslumoiam-n'as torpemente os que asseveram vivermos em harenis orientales. Os nossos lares são dignos, abençoados, felizes. Obdecemos á indicação estatistica que mostra no mundo maior numero de mulheres do que de homens. Isso mesmo, na hypothese de acabarem as guerras e os perigos inherentes ás profissões viris que tornam a mortalidade dos homens unito superior á das mulheres.

Dez mulheres para um homem, eis pouco mais ou menos a proporção...

— «E o senhor quantas tem agora, interrompto-lhe.

— Cinco apenas, meu amigo,— apenas cinco por ora, e 24 filhos. Não me reputo por isso um bom mormon. E o senhor? — Sou ainda solteiro.

— Oh! braion indignado com o interlocutor.— O senhor ainda não disse para o que veio á terra, não tem cumprido os deveres de sua missão... e n'uma exaltação crescente, batendo-me no hombro, chamandome seu caro irmão, o mormon procurou cathechisar-me, persuadindo-me de que eu devia ficar em Salt Lake City, onde me apontava o mais risonho porvir. Pesantado ao cabo, diante de minha reluctancia, perguntou:

— E na sua patria, no Brazil, acha que a nossa propaganla poderá dar resultado?!

— É possível, respondi. Vale a pena experimentar. Mande para li alguns missionarios...

Até á hora da minha partida, Mr. Common insistiu para que eu ficasse e me convertesse ao mormonismo. Deu-me de presente, por fim, uma pequena Biblia do seu culto, doado:

— «Leia, que se ha de convencer.

Mas, qual! Foi perdido todo o seu trabalho, não calando absolutamente em meu espirito as suas ardentes palavras, entre outras muitas razões, fuciois de se comprehenderem pela da notavel fealdade das mulheres mormons que vi. Fui apresentado a duas ingenuas *misses*: uma, baixa, disform, as mãos e o rosto crivados de constellações de sardas. Alta a segunda, desdentada e secca, pé de uma extensão phenomenal e usando oculos!...

Nos sorrisos o noa agrados d'estas jovens encontrei a melhor refutação do mormonismo.

AFFONSO CELSO JUNIOR.

«LYRICA»

Este livro do nosso companheiro Filinto de Almeida tem tido por parte da imprensa festiva e honrosa recepção. O proprio *Journal do Commercio*, sempre nudo como um peixe em materia de livros sobre arte ou litteratura, dignou-se de receber a *Lyrice* com algumas linhas amaveis.

Trauscrevemos-las, pela honra excepcional concedida pelo provento *Journal* ao nosso querido companheiro, que d'elle não podia esperar mais, nem mesmo tanto.

Eis a preciação do venerando *Jocando* da imprensa da Corte:

«Poesia—Acabamos de ler rapidamente uma collecção de poesias que o Sr. Filinto de Almeida publicou sob o titulo *Lyrice*. Nem outros enidados nos permittiriam immediatamente uais de tida leitura. Uma a indole destas linhas aqui soffre mais do que a manifestação da impressão geral que recebemos.

Está foi boa; com tanto maior prazer o dizemos, quanto mais raro, entre milhares de versejadores, se nos depara um poeta digno deste nome. Para nos, salvo melhor juizo, Filinto de Almeida é digno d'elle. O seu verso é cuidadosamente trabalhado, a phrase correcta, sem que o esmero da forma lhe tolha apparentemente a inspiração. Nas suas poesias de variado genero ha idéias; não se evapora tudo em epithetos sonoros.

Sujeitados pelo mimo e pujança da poesia, não andamos esmerilhando um on outro seão—canarin rutilo.

Que ninho fofo e tepido abrigava.»

D'esse livro, que, incontestavelmente ficará inserido na historia litteraria destes ultimos annos como um monumento diamante, trauscrevemos hoje uma das mais formossas e sentidas composições.

ESBOÇOS A BICO DE LAPIS

II

MACHADO DE ASSIS

Está hoje consagrado como chefe dos nossos litteratos.

Este titulo encontra sua justificação em dous factos: o direito de antiguidade, pois dos actuaes escriptores é dos que têm mais longo tirocinio; o seu nunca esmorecido amor ás letras que não cultiva por mero desfastio, mas por vocação natural e por sincera convicção.

E' empregado publico porque precisa manter-se; mas fóra da zona litteraria, Machado de Assis nada ambiciona.

Este exemplo de nobre abstenção, quando poderia especular com o prestigio do seu nome para angariar presentes e honorarias, triplica o seu valor a estima de que goza. Ainda outras duas circumstancias concorrem para realçar a sua bella nomeada: nasceu, medrou e desenvolveu-se inteiramente afastado dos circulos litterarios officiaes, pois nem sequer é bacharel pelo collegio Pedro II; e finalmente, tendo sido educado no romanticismo luso-brazileiro da geração passada, tem sabido acompanhar, se bem que discretamente e com infinitas precauções, a moderna evolução litteraria na qual a exposição franca, colorida e energica da verdade substituiu os processos rhetoricos, estafados e desmoralizados pelo aluzo dos romanticos idealistas. Mas, aliás reconhecendo e proclamando estes iminentes predicados que o collocam no primeiro plano, nos aventuramos a dizer que Machado de Assis é talvez o menos brasileiro de todos os nossos homens de letras.

Esta proposição parecerá absurda ao primeiro aspecto, porém é a genuina expressão da verdade.

Leiam-se todos os romances, todas as poesias, todos os contos do Sr. M. de Assis, desde as *Chrysalidas* até a *Identidade*, coato recentemente inserto na *Gazeta de Noticias*; leia-se tudo quanto tem elle escripto em qualquer genero litterario; ninguém conseguirá lobi-lar, através do amarecido do seu estylo, por entre a ceremoniosa sobriedade do seu dizer e o pingo dulci-amargo das suas observações psychologicas, ninguém perceberá o artista tropical que haure as suas inspirações no meio em que vive. Mesmo na poesia das *Americanas*, onde tentou debuxar paizagens brasileiras e cantar o indianismo, o Sr. M. de Assis aponas deu-nos a nota afinada e selecta do assumpto, sem de modo algum penetrar a sua essencia. Falta-lhe o folego, ou repugna á sua indols?

E' artista da palavra, espirito de eleição, é um pensador finissimo que sabe desenhar na contestura da phrase os mais agudos conceitos e as mais delicadas gradações da ideia.

Porém tanto poderia ter nascido na zona torrida, como nas regiões extratropicais e até mesmo nos polos.

E este phenomeno é tanto mais de estranhar quanto as suas origens são genuinamente brasileiras.

O seu talento é caracterizado por uma sobriedade systematica e por vezes insufficiente; porque, se reconhecemos com a critica moderna que o artista é um collarão das influencias ethnologicas que sobre elle actuaem e das condições do seu *habitat* (com licença do Sr. S. Romero), é impossivel admittir que nas obras de um verdadeiro poeta

brazileiro deixe do palpar o transumpto d'esta exuberancia de vida peculiar ao nosso clima, a qual se manifesta desde o musgo que medra nas ribanceiras até á expansão indisciplinada e irrequieta dos affectos e das paixões. Mas convem desde ja adiantarmos uma adversativa:

De modo algum queremos reeditar o sedico chavão dos mentores da idealidade brasileira durante a florescencia do tal *indianismo*, os quaes exigiam para outhorga da patente de originalidade a um poeta brasileiro, que nas suas produções os adjectivos fossem rios caudalosos, que os verbos tivessem o esplendor do sol tropical, que os substantivos semelhassem montanhas alterosas, e que as phrases apresentassem o aspecto selvagem e grandioso de uma floresta virgem.

Não. Ha uma cousa que vale mais litterariamente considerada do que todas estas maravilhas naturaes: é o genio soberano do artista, dominando as forças da natureza e não se deixando por ellas eliminar, transformando-se em seu echo servil. Não as copia nem traduz; interpreta-as livremente de accordo com a sua sensibilidade e ao talento de sua phantasia. Mas o Sr. M. de Assis, principalmente nos seus ultimos trabalhos (de *Bras Cubas* para cá) divorciou-se inteiramente d'estas preoccupações e escreve exclusivamente sob influxo de questões philosophicas que lhe verream o cerebro.

Todavia, mesmo assim, o seu exemplo constitue um salutar correctivo á tendencia dos nossos escriptores para a exaggeração e o excesso, desculpando-se com o ardor do clima, este bode expiario de quanta tolice venha á cabeça dos senhores litteratos. Até as suas facieas e pilherias são equilibradas pela moderação e pelo fino tacto, contrastando com as gracolas mais ou menos grosseiras e lorpas, apanagio da raça luso-brazileira, e cujo unico sal é composto de exaggeração e de disparates sem seso commum.

Machado de Assis acompanhou a nova geração e afrancezou-se tambem, o que mostra quanto é progressivo e lucido o seu espirito.

E' possivel que a influencia exclusiva e preponderante da litteratura franceza em nosso paiz traga alguns inconvenientes; mas este mal é prodigamente compensado por mil e um beneficios.

DUO.

NOTAS PHILOGICAS

Não é cousa de somenos importancia no estudo da linguagem a grandeza material dos vocabulos.

O conflicto, conhecido no transformismo biologico pela denominação de *luta pela existencia*, estende-se a todos os factos anthropologicos e sociaes.

As palavras de utilização frequente são as que, embora possuam o maior grão de vitalidade, mais soffrem a erosão e continuo estrago do uso. Assim, os termos da mais vulgar adjectivação como *grande, bello, cento, santo...* detupam-se e contraem-se nas formas *gran, bel, cem, são*. Os nomes proprios antigos e modernos, pela constante applicação na pratica, originaram os hypocoristicos—*Zé, Juca, Mem, Ruy, Vaz*, etc., que são formas contractas oppostas ás formas integras—*José, Mendo, Rodrigo, Vasco*, etc.

O uso das formas alludidas não é todavia arbitrario. Os espiritos anti-scientificos, que desprezam a observação, e se comprazem nas construcções a priori, consideram malavisadamente como erros as formas *maltrato, malcriação*. A

forma *mal*, ainda hoje viva no castelhano é contracta do antigo adjectivo *malo*, e é analogá á forma *bel* aliada usada na expressão: *a belprazer*. E' pois ignorancia ou abusiva iasubmissão aos factos da linguagem o emprego das locuções:

má criação
mau raio.

Relativamente aos hypocoristicos, antigos ou modernos, em boa norma são elles incompatíveis com toda a adjectivação solemne. Se, hoje, não podemos em estylo serio dizer—o *Conde Zé*—, jamais os antigos diriam—o *Conde Fernando* ou *Dom Mem*. O titulo attrahia o uso da forma integra e dizia-se—o *Conde Fernando*, *Dom Mendo*. Por esta razão é que os castelhanos, nomeando o *Cid*, dizem: *Rui de Bivar*; mas se acaso lhe ajuntam o *dom*, omendam logo: *Dom Rodrigo de Bivar*.

Uma observação final. A forma contracta são, em vez da integra *são*, usa-se antes dos nomes proprios de inicial consonante: *São Pedro*, *São Paulo*. A regra é, todavia, o seu tanto exceptuada e a boa vernaculidade manda dizer, excepcionalmente: *Santo Christo*, *Santo Turso* e *Santo Thomas*. Affirmei, no começo, que a diminuição do vocabulo se operava pelo uso. E' o factor physiologico. Mas, em todos os actos humanos, convem não esquecer o factor psychologico, ora concurrente, ora retrocedente e contraditorio com a acção physiologica normal. Aqui, ao que parece, houve, senão concomitancia, ao menos parallelismo de acção. O uso assiduo traz a familiaridade e é por um sentimento do affeição familiar ou de desprezo, que operamos a redução dos vocabulos. Exemplos: *mano* do antigo *hermano*, *disgra*, contractação popular de *disgracia*, *Portuuga*, denominação ironica do *Portuquez*.

Outras formas contractas existem, cujo emprego nenhuma dificuldade suggerem. Taes são, alem das que foram mencionadas, *mui, quanto, des, recém*, correlativas a *muito, quanto, desde, recente*.

JOÃO RIBEIRO.

O ULTIMO BEIJO

(Poesia recitada na primeira sessão litteraria do «Gremio de Letras e Artes» em 10 de março de 1887.)

*Enheando o Coliseu, a plebe dissoluta
De Roma espera ansiosa a sanguinaria luta
Dos miseros christãos com as feras carniceiras,
Cesar está presente, As luzes derrudeiras
Do dia vão, logar ás trevas dando, e a noite
Vem, para que este crime enorme ao mundo acobite,
Arie em meio da arena um facho, a mysteriosa
Sombra espacando em torno; a um lado a lacrimosa
Turba está dos christãos; nem supplica se eleva,
Nem a voz de um perdão solçado na treva
Escuta-se; sómente em cada olhar o pranto
Briha como uma estrella ornando o ethereo manto.*

*Urta o povo, porém, pelas arehibancadas;
Tarda a luta demais. O pranto as gargalhadas
Contrastam e a blasphemia echa. De intervalo
A intervalo, uma ehamma, á bocca de um cavallo
De bronze presa, luz vermelha em torno espalha,
O povo se diverte. Entretanto na palha
Fria humilides estão os tristes penitentes,
Em silencio deixando as lagrymas ardentes
Corre-lhes pela face e o triste olhar magoado
Volendo para o céu, de estrellas recamado.*

*Recurdesce o furor em roda, o povo exulta,
A hora se aproxima e toda a turba-multa
Um fremito percorre e subito da terra,
Do intimo do sol estroendo se ouve: berra
Um taio, e prompto essa a vozeria em roda;
Toma-se de paor a arehibancada toda.
Ostro berro, outro após o silencio domina,
Apenas nos brandões o estalar da resina
Se ouve. Mas pouco dura o silencio, de novo
Urta a turba em furor, grita exultando o povo.*

*Pallide, o Imperador, do camarote á frente,
A sanguinosa scena espera ansiosamente,
A mão na grossa espada entresachada de ouro,
Forra-lhe o camarim todo um regio thesouro*

*De baixelas de prata e púrpura e brocados,
Pelles de lobes da Hyrcania e de tigres mosquedados
Do Indostão e coraas e perolas e gemmas
Tauaziando o throno, em meio ás riuas plumas ás
emas,*

*Cresce, avulta a impaciencia e o Cesar que comece
A luta ordena.— Irmãos, a derradeira preces
Enviemos a Deus!—Tal vez se oucio do meia
Do bando soffredor, e um velho, as mãos ao seio
Em cruz levando, ergueu-se, os mais ao ceo voltando
O lacrimoso olhar, olhos que estavam vendo
Pela ultima vez o brilho das estrellas,
Murmuraram ehorando umas preces singelas,*

*Ora havia tambem entre o bando tristonho
Dos christãos um casal amante, ao qual, risonho,
Ha pouco estava aberto o caminho; a ohimera
Apenas começava, em luz a primavera
Brilhava, era tão doce a vida e tantas flores
Havia, tanto sol, tantas aves de cores
Bellas, e bella voz, tanto perfume doce,
Tanta harmonia, assim como se a terra fosse
Toica uma orchestral como era saudosa a vida
Tão pouco aproveitada, e ai, tão cedo perdida!
E vão morrer os dois! Não resam entretanto:
Ella revê-lhe o olhar, toda banhada em pranto,
Elle o olhar lhe revê, todo em pranto banhado,
E um entre os braços do outro um beijo prolongado,
O ultimo beijo, sorve em extasis...*

O bandô

Fuizo dos feros lobes entrava a arena, urrando...

RODRIGO OCTAVIO.

CARTAS DE LISBOA

BELLAS ARTES: 5ª e 6ª EXPOSIÇÕES DO
«GRUPO DO LEÃO»

(Conclusão)

MALHÓA

Este artista tem duas maneiras, ou melhor, dois feitios. Uma vez pinta para o publico, que compra—entende-se, e faz uns quadros muito bonitos, genero oleographia, de effeito estuado e seguro; outras vezes, e não em maior numero infelizmente, pinta o que vê, sem outra preocupação além da de interpretar sinceramente a natureza, que é a obrigação de todo o verdadeiro artista. A esta especie pertencia alem de outros a *Aldia dos Escallos* o melhor dos seus quadros do anno passado, de uma tonalidade branda e de um pittoresco delicado, representando uns casabres alinhados transversalmente ao meio do quadro, por detrás algumas grandes arvores e á direita um outeiro verdejando, e no primeiro plano um riacho que atravessa um terreno inculto, formando largas poças em que uma mulher lava roupa. E' talvez o melhor trabalho que tem exposto o Sr. Malhóa e que é uma prova de que o artista fará bons quadros sempre que seja sincero, esquecendo-se do capitalista, que tem transviado muito talento.

Tendo o anno passado exposto 19 trabalhos, este anno apresentamos só tres, mas todos tres pertencentes á segunda especie de que falei. Ora, antes pouco é bom do que muito e mau. Dos tres, uma paisagem e dois de figura, o melhor é o que representa o chamado *Bando de S. Jorge*, a musica de prtos que figuram ainda aqui na precisão de Corpus Christi. Sem condições de quadro, é todavia uma vistosa mancha de cor, pintada com uma certa bravura, essa original troupe de musicos, de calça branca e capas vermelhas, tocando cornetas e tambores.

Quero crer que o Sr. Malhóa não expoz os melhores trabalhos do anno, porque nem mesmo expoz todos os mencionados no catalogo. Espersmolpo para outro anno.

D. BERTHA ORTIGÃO

Ninguém que tenha lido as *Farpas* poderá admirar-se de ver o nome d'esta senhora no catalogo de uma exposição de bellas artes. Depois dos artigos publicados pelo Sr. Ramalho Ortigão

sobre a educação feminina, em que justissimamente aponta as artes do desenho como uma das occupações proprias de uma senhora mais efficaz para entreter o corpo e educar o espirito, esse facto era do esperar. O Sr. Ramalho Ortigão pregu de exemplo, que é a melhor maneira de pregar; e falto expondo ao publico as obras d'arte de sua filha, no que infelizmente tem poucas companheiras, apesar do excipulo que dá ás senhoras portuguezas *une grande dame* da nossa sociedade, como de Srna. duqueza de Palmella disse Fourcoud na *Gazette des beaux-arts* a proposito da *Diogenes* exposto por esta senhora no *Salon* de Paris.

Os trabalhos da Sra. D. Bertha estão ainda longe de serem obras primas. Mas têm revelado nos que tem exposto até hoje algumas qualidades que annunciam mais uma artista para a historia da arte portugueza; o sentimento do colorido o da composição e uma certa eudacia na escolha dos assumptos, são de bom agouro em quem principia. Tem exposto quadros de figura, paisagem e flores, faianças o até um pandeiro ornamentado. Do anno passado os melhores eram: uma paisagem representando *Um canto de horta*, tocado largamente e com geral justo de tons, e uma *Cabeça de estado*, de perfil, alumada de um lado e quasi toda na sombra, em que a artista se lançou resolutamente ao estudo do claro-escuro, colhendo resultados muito animadores.

Este anno apresenta-nos 16 trabalhos, sendo um estado de figura, um de gatos, dois de rosas, quatro paisagens, uma natureza morta e sete grandes pratos decorativos. Dos quadros o que tem mais qualidades é o da *Aurea* morta — *Arenques e vinho branco* — em que, especialmente os arenques, são excellentemente pintados. Dos pratos, que são talvez superiores nos quadros, todos de uma composição muito feliz, são magnificos os que representam ramos de polargonios e de despedidas do verão. A côr tem frescura e transparência, o que accoete meaos nos seus quadros, especialmente nos de paisagem. Mas esse defeito corrige-se com o estudo o Sra. D. Bertha ainda principiou ha pouco tempo para já lhe exigirmos muito.

ANTONIO RAMALHO

É muito notavel a transformação que se nota nas obras do Sr. Antonio Monteiro Ramalho, desde que foi para Paris. De robusto até á brutalidade que se nos mostrava antes de ir, de todos os artistas do grupo o que apresentava um temperamento mais vigorosamente meridional, pensou a ser delicado até ao vaporoso nas obras que de lá enviou e tem exposto desde que chegou. Pondo umas ao lado das outras, as obras das suas duas maneiras, ninguém que o não saíra dirá que ellas são do mesmo auctor.

Mas se por um lado perdeu na largueza da interpretação, por outro lado ganhou na mestria de factura. Tanto nos seus trabalhos do anno passado como nos da actual exposição se vê um artista inteiramente seguro do officio, como habilidade, como conhecimento dos processos, de um artista consummado, cuja mão executa immediatamente quanto lhe exigem. O anno passado expunha um retrato de senhora, um fino typo de parizense, como podemos imaginal-a pelas figuras de Dnez, de Nittis ou Kaemmerer. Duma harmonia de tons inexcitavel, som uma fraquezon, seu uma nota discordante, a figura, de perfil, vestido côr de cana, um barrete de veludo vermelho e uma fita do mesmo enlaçada ao pescoço, o cabelo loiro e a pelle assestinada côr de damasco maduro, levemente inclinada para traz, expressão um pouco desdenhosa, destacando perfeitamente da fudnd, vendo-se por assim dizer a ar de permissão, — esse quadra é tão solidamente construido relativamente aos valores de todas as suas partes, o conjunto é tão harmonioso, que, achando-se falso, não pôde deixar-se de o achar magnifico, desculpando-se-lhe de boa vontade o bonito, n assucarado, o Chaplin da factura, que em algumas partes dá um modelado vespnoao, pouco consistente.

Agora expõe tres retratos de crianças, ainda superiores áquelle e executadas na mesma mausira, retratos do Sr. Eduardo Fontes Ganhado, e dos filhos do Sr. conde de Cabral. Destes

já o anno passado expusera os retratos magistralmente feitos, de uma factura minuciosa, admiravelmente modelados, e desenhados por meio de lapis, carvão, a traço, a esfuminho, a clara de ovo e não se sabe bem quantas dragas meiz. Os retratos deste anno são, como disse, ainda superiores. O modelado dos rostos, executado a plena luz, são uma perfeição. Aquillo é molle, é delicatissimo, é bola de sabão, mas é admiravel. Lembra um pastel do século 18; — que, de resto, o artista quiz imitar, porque os retratos são destinados a uma sala estylo Luiz 16º.

CARLOS NEIS

É um discipulo de Silva Porto na escola das Bellas Artes, e discipulo que honra o mestre. O Sr. Neis apresenta quatro quadrinhos que promettem um artista de primeira ordem, um estudo de cavallo, tres paisagens e um estudo do *Atelier de Alberto Nunes*. D'uma factura larga, já muito firme, apanhaado bem as maseas, os seus quadros dão bem a conhecer quem foi o mestre que o guiou. São uma estreia soberba. Especialmente o *Atelier*, em que se vê esse grande artista, que eu já apresentei aos leitores d'A Semana, sentado aa sua poltroua, folhando um album, por detraz n mesa coberta de livros e estampas, encostada á parede avermelhada, cheio de quadros, em que incide uma facha de luz, pondo no quadro uma nota negra, todo esse quadrinho é tão excellentemente executado, os valores estão tão bem estudados, que a gente nem vê já o quadro para só vêr o *atelier*, vivo, real. É um quadro magnifico, um dos melhores trabalhos d'osta exposição, que o proprio mestre, creio que não duvidaria assignar.

SILVA PORTO

Deste que hei de dizer-lhes? Elle é sempre o mesmo, artista de temperamento, possuindo o conhecimento de todos os segredos da pratica, amaado e reproduzindo a natureza como poeta, com a faculdade da observação superiormente educada, descreminado com a justeza d'um instrumento matbematico as mais sutteis differenças nas gradações da côr e nos valores da luz, de uma sinceridade absoluta, trahinando como que só para seu gosto, sem forçar a attenção do publico nem por processos nem por assumptos vistosos, que aliás ninguém sabe escolher como elle, o Sr. Silva Porto é um mestre incontestado e incontestavel, um artista d'aquelles que cream uma escola, mestre estimado e confessado, e cuja influencia é claramente manifesta na nossa escola nascente, de que elle é um dos marechais e uma gloria.

Expondo sempre um grande numero de obras, ha tres annos que, além dos quadros de meuos importancia em graudeza, que não em valor, apresenta em cada exposição um quadro grande, um quadro de galeria. O anno passado eram os *Campinos* que elle nos pintava, um quadro magistral, em que se viam numa extensa planicie dois campinos que iam passando a cavallo, de pempilho ao hombro, com os seus trajos tão caracteristicos e pittorescos, um já mais ao longe voltando a cara para traz como que a ver o companheiro, que se demorou a conversar com outro que está a pé, com a cavallo á redea; lá adiante as manchas negras dos touros, a campina estendendo-se, a verdejar, até ás colinas do fundo que se confundem com a atmosphera em contornos esfumados. Soberbo, de primeira ordem; um quadro que seria uma honra para o museu que o possuuisse.

Na actual exposição n quadro grande — *A volta do mercado*, são é inferior áquelle. Representa um grupo de saloios, homeus e mulheres, uns a pé, outros em burro, com os ceirões das bortaliças, voltando por um caminho cavado no terreno, fazendo taludes dos lados, coheros por um renque de piteiras, algumas com a enorme haste florida de um effeito tão ornamental; duas mulheres, com os seus lenços garridos atadas ao peito e as grossas botas de cano alto, abrigaa-se do sol com ns seus curtos e enormes chapéos-barracas, um azul, outro encarnado; por de traz uma pequena eminencia estende-se até ao nito em que ha uma pequena casa branca; uma arvore enfesada ergue-se á direita e aqui e além ha uma mancha mais escura de arbustos; o sol

batendo luminoso e ardente sobre o lo o quadro... É soberbo, é de primeira ordem, é um quadro que seria uma honra para o museu que o possuuisse. E o nosso museu não tem um unico quadro de moderna escola portugueza... Seja tudo pelo divino amor de Deus!

SOUZA PINTO

O Sr. Souza Pinto, como devem saber pela *Illustração*, está em Paris. Mandou-nos o anno passado 3 quadros de figura, em que revela graaes qualidades de desenlista. Como côr, que é um pouco vaprnsa, sem vigor, como que embaciada e nevoenta, os seus quadros poderiam ser verdadeiros em Paris; aqui não.

Os valores também nem sempre são bem estudados. Em compensação o desenho é sempre correcto, e a composição de uma boa ordenança.

O mais notavel dos seus quadros — *Colheita de batatas*, representa um grupo de dois grotos aquecendo-se a uma fogueira, n um campo em que se perfilam por ali fóra os saccos de batatas até ao funlo, em que umas casas alvejam por entre as arvores; quasi ao meio do campo outra fogueira, ao pé da qual um homem e uma mulher curvados npanim lo batatas. O grupo dos grotos, o centro do quadro, dos quens um assopra n fogueira, njuellado com as mãos no chão, inclinado sobre o lume, enquanto n outro, á direita e em pé, contempla a operação, nsooprando as mãos, eubrullhado n um albernoz branco, com o capuz na cabeça, esse grupo é muito bem estudado o executado; o reflexo do lume na cara e nas mãos do que assopra no terreno, no rosto e na cnpa do garoto em pé, é de uma observação justissima, é um verdadeiro *trompe-l'oeil*. O resto do quadro não está em harmonia com este grupo, sendo inferiormente executado. Mas quem faz aquillo podia fazer o resto, se quizesse.

VAZ

A personalidade deste artista vae-se accentuando de anno para anno, seguindo de perto as pisadas de Silva Porto, é verdade, mas cada vez menos; e sem-lha apresenta quadros que á primeira vista parecem do mestre, também expõe outros que logo se conhece que são d'elle e só d'elle.

A esse pertencia, por exemplo, a sua marinha do anno passado, *O Sado em praia-mar* e pertence a marinha d'esta exposição — *Canôa abicando á praia*. Ambas reproduzindo o seu assumpto preilecto, as aguas serenas e espelhenhas reflectindo o azul pallido do ceu e os barcos immoveis ou vogando mansamente, fazendo manchas pittorescas e destacando-se ao meio do quadro sem mais accessorios. É monotono, mas é bem feito e muito decorativo.

VIEIRA

O Sr. Vieira é sobretudo um florista. As suas rosas não têm rivaes senão nas da Sra. D. Maria Augusta Bordallo Piabeiro. Dotado de um sentimento profundo da decoração, os seus quadros primam quasi sempre por uma bella composição, o que é tanto mais de notar que o Sr. Vieira foi estudante de esculptura e só pinta ha alguns annos, sem nunca ter estudado composição. Por isso na sua verde de compositor elle commette da vez em quando um disparate; mas isso desaparecerá com o tempo.

Não vale a pena descrever-lhe os seus quadros. Em havendo flores e um vaso e um pedaço de seda, elle arranja-lhes triuta quadros diferentes. O que nos importa é que as suas flores são delicosas, frescas, dão vontade de lhes irmos aspirar os armas. No *Panier renversé* deste anno ha uma certa rosa, côr de rosa, que é surpreendente de verdade; é uma maravilha.

VILLACA (F.)

Deste artista que estava estudando em Paris e já está entre nós, mas não expoz este anno, tivemos o anno passado uma paisagem e um retrato. Por esses quadros e por outros que eu já conhecia d'elle se vê que o artista desenha correctamente; mas a factura é ainda inferior. O toque minucioso de mais, o empaste mesquinho, a côr um pouco dura, sem transparencia. A paisagem que se intitula — *O ultimo beijo do dia*, e representa dois camponios, homem

e mulher, enviam-lo-se a distancia um beijo com a mão, mal visivel na massa escurida do nevoado, cujo contorno destaca sobre um céu amarelado de poenta, tendo na moldura o título em francez em letras caprichosas, envolto em folhas de hera, é de uma inspiração tão ridicula, tão *Florencio Ferreira*, tão *almamuch das senhoras* que custa a crer da parte do um rapaz que estudava em Paris em 1880.

Todavia é feita mais largamente que o retrato e não fazin aquillo qualquar.

MORRINA RATO

Este artista é o unico que expõe esculptura. Já em 1880 expusera uma *Hermengarda* muito antavel; foi lúpia para Paris pensionaria do governo, lá enviou alguns trabalhos, entre os quos um busto de homem que pela nobreza de linha e perfeição do modelado é uma obra prima. Finalmente está já entre nós, tendo já exposta o anno passado 4 obras e apresentando 3 na actual exposição.

Por umas e outras vê-se infelizmente que o Sr. Rato abandonou as qualidades de expressão da *Hermengarda*, um magnifico estylo, e ns qualidades de nobreza do seu busto e do *Can feitos* em Paris, para se lançar na *cherche de la petite bête* da esculptura italiana. É para lamutar, porque o Sr. Morrina Rato tem mostrado que podia, se quizesse, fazer obras de primeira ordem, como as havia de ver em Paris, ou le vive n primeira escola de esculptura contemporanea. O *Canôa* ha uma boa academia em gesso, não tem a expressão que se queria ao loudario assustivo, mas era correcto, tinha uma boa linha e um pose grave, o severa. Tinha também o anno passado um busto de criança com excellentes qualidades e mais dois espezimens de esculptura de costumes — *Esculptura de costumes!* ó Miguel Angelo, uma *Varina* e um *Flaneur*. Este anno tem peor do que isso, tem esculptura andocctica — *Uma historia disantida*, duas crianças em busto, uma cantado com um riso contrafeito e com um gesto ainda mais falso e a outra ouvindo, e olhando cada uma para seu lado. Faz-se d'isto em esculptura...

Tem mais uma estatuetta de criança nua e um busto, que tem qualidades de modelado. A criança que se intitula — *Amada*, para ter um título, tem o defeito de ser um pessimo motivo para esculptura. Imaginem um ventre proeminente de criança de 3 annos com um contrapeso do outro lado perfeitamente insignificante...

Em summa, o Sr. Morrina Rato não nos dá aquillo que tinhamos o direito de esperar. E todavia tem talento, conhece-se, mas não n aproveita. A não ser que já se convertesse em devoto do Santo Dinheiro...

Resumo: A exposição actual é muito inferior á antecedente. Esperemos que os artistas desertores voltem ao Grupo porque — bom filho a casa torna — e elles são bons filhos, bons, honra...

Noticias: Os ultimos acontecimentos são a representação do *Hamlet* em D. Maria, em que Brazão vas extraordinariamente, e a representação em S. Carlos dos *Dorias*, a nova opera de Augusto Machado.

Falaremos...

EMYDIO MONTEIRO.

COPRE DAS GRAÇAS

Em um armazem da rua da Uruguayana lê-se por cima de duas pipae, em letras hem pintadas:

Paraty fait pisser au lit

Admirado de tão singular legenda, perguntou alguem ao dono da casa: — Então, que é isto? Pois o *Paraty*?

E rio-se gostosamente. — Ah! mas é só n d'esta casa; respondeu, interrompendo-o, bom do homem, com a cara mais honradamente lorpa d'este mundo.

Que diabo de traducção teriam impingido ao ingenuo tendeiro?

D. Barbara, indo dizer qualquar

coisa—provavelmente alguma maldade—mordua a lingua.
O genro, solícito:
— Envenenou-se, minha eogrn?

Durante os ensaios da revista *Mercurio* liu-se na tabella da caixa:
« Amanhã ás 11 horas *Mercurio* para todos. »
O Peixoto, lendo isso, observava:
— D'esta vez fica o theatro nacional depurado.

BIRIANO.

AUZENCIA

Dizem que voltas, que não tardas; certo
Deves voltar; tortura-me a saulade,
E para o dia, que me dizem perto,
De tua volta eu acho a eternidade.

Tejo de estreitas todo o céu coberto.
E a luz de ouro aclarar a immensidade;
Mas no meu coração.—ab! que deserto,
Que noite escura e tormentosa o invade!

Nunca minh'alma teve dor tamanha,
Nunca a morte lhe deu maior combate
Que nesta auzencia dolorosa e estranha!

Sem ti o mundo é um cemiterio escuro.
Onde ignoto coveiro ás mãos abate
Minha existencia, todo o meu futuro!

BERNARDO DE OLIVEIRA.

THEATROS

LUCINDA

Na quarta-feira ultima subio á scena neste theatro a nova revista que, sob o titulo *Mercurio*, escreveram para os artistas da companhia Braga Junior, que representará *O Bilontra*, os auctores d'esta, Arthur Azevedo e Moreira Sampaio.

Na confecção de uma revista de anno facta-se com uma difficuldade séria, que, sendo vencida, garante á peça *sucesso* verdadeiro, senão para o publico, pelo menos perante a critica. Essa difficuldade consiste em conciliar as qualidades litterarias da revista com as suas qualidades scenicas, de effeito theatral.

Das revistas até hoje executadas por aquelles auctores a que nos parece mais ter conseguido isso foi *O Mandarim*, que era bem feita, possuia valor litterario pela harmonia e delicadeza da forma e pelos *effeitos*, que eram muitos e fortes.

O Bilontra apenas tinha *effeitos*, sendo fraca como composição dramatica, quer dizer theatral; a *Cocôta* tinha mais este merecimento do que *effeitos*; era quasi uma comedia, com certo enredo bem conduzido, situações comicas, scenas bem feitas e bem escriptas. No *Carioca* fallharam ambos os elementos: pouco vale como composição dramatica e ainda menos como revista, como peça para o publico.

Agora o *Mercurio*.
É a revista de mais merecimento litterario que têm escripto os auctores. É engenhada com habilidade e certa maneira nova, tem as scenas bem divididas e proporcionaes, satyra delicada, espirito fino em varios pontos e magnifica forma.

Essa superioridade, porém, prejudica-lhe o *sucesso* theatral, pois não dispõe dos elementos que em geral captivam o agrado da plateia.

O grosso publico adora a graça na phrase, no dicto, no burlesco das situações, e deixa-se arrebatado de gaudío pela musica viva, travessa e alegre. Ora não abundam estes condimentos no *Mercurio*.

D'ahi a recepção pouco entusiastica do publico na primeira e segunda noites e o ser duvidoso o seu *sucesso*.

No terceiro acto imaginaram com grande felicidade os auctores fazer passar-se a revista dos acontecimentos theatraes na *Floresta dos theatros*, indo as peças que fizeram carreira em 1886 para o *Palacio dos successos* e as que nufragaram para a *Cabana dos fiscos*. Pois com essa mesma imagem vamos fazer a critica do *Mercurio*.

Queira ter a bondade, Sr. *Mercurio*, de entrar para aquelle palacio—como peça litteraria, e de se metter nacabana como peça *theatral*, quer dizer como *sucesso* de bilheteria. É possível e desejamos que nos enganemos quanto a esta ultima parte.

No quadro nono são apresentados com muita graça os joruaes e os jornalistas. A *Semana* foi esplendidamente representada pela Sra. D. Julia de Castro, que trazia á cabeça, como diadema, o titulo da nossa folha.

Temos neste ponto uma leve censura a fazer aos auctores.

Apresentaram estes os poetas e prozadores que constituem a nossa *Galeria do Elogio Mutuo* até hoje publicada. Não fizeram os typos, mas não ha duvida que são elles, pois é a *Semana* que os apresenta, como sendo o *Elogio Mutuo*. Esses sujeitos tecem-se mutuamente, dois a dois, os mais rasgados encontros, em bellos decasyllabos, chamando-se genios, talentos prodigiosos, emulos de Camões etc., e em *epigramas* descompõem-se brutalmente, chamando-se burros, bestas, camellos.

Foi de grande effeito sobre a plateia essa habil *descompostura mutua*; como *effeito* theatral é realmente boa. Mas os auctores fazem mal em tudo sacrificarem ao *effeito*, pois ha alguma cousa que para elles devia valer mais do que uma roda de palmas e gargalhadas: é a Verdade e a Justiça.

Esse modo de apresentar ao publico a *Galeria do Elogio Mutuo* cá de casa é—uma mentira e uma injusticia. Tem nella figurado até agora, na ordem mesma da publicação—Valentim Magalhães e Filinto de Almeida, Alberto de Oliveira e Olavo Bilac, Aluizio Azevedo e Emilio Rouede, Alcindo Guanabara e Soares de Souza Junior e Arthur Azevedo e Moreira Sampaio.

Pela sinceridade do que, uns dos outros, disséram os oito primeiros compromettemo-nos nós. A idéia da publicação da *Galeria do Elogio Mutuo* foi matar a estúpida balela que iuvejosos e despeitados faziam circular contra os nossos escriptores novos, fazendo com que elles dissessem sinceramente o juizo que uns dos outros formavam, e mostrando que são escriptores quem deve elogiar ou criticar escriptores; e que, portanto, não ha *elogio* mas *justica mutua*.

Pensavamos nós que os Azevedo e Sampaio formavam realmente um do outro a lisongeira opinião que fizeram estampar na *Semana*. Enganamo-nos.

Como temos absoluta certeza da sinceridade dos oito primeiros figurantes da *Galeria*, deante da revelação que exhibiram da sua os auctores do *Mercurio*, lamentamol-os por haverem mentido aos nossos leitores e um ao outro e asseguramos-lhes que não são justos nem verdadeiros considerando-se mutuamente—burros, bestas e camellos.

Agora vamos ao desempenho, á *mise en scene* e á musica.

Palacio dos successos.—Peixoto, que se mostrou mais do que nunca artista comico de excepcional merecimento e reproduzio com lucrivel perfeição e magistral talento os typos do pharmaceutico Ferreira, do conselheiro Lafayette, do Dr. Deimeval da Fonseca e do actor Areias, tendo feito um impagavel Bacco; Colás, que se mostrou artista superior na interpretação do matuto do Piahy—um primor! caracterisação, fala, gestos, vestuario, a maneira de cantar as quadrinhas—tudo admiravel e perfeito! e tambem fez um magnifico Paulo Ney; Correia que fez bem os papeis de *Mercurio* e de Fonseca; Germano, que deu um bom Dr. Luiz de Castro; Cinira Pollonio, que estava despidida com grande luxo e elegancia, e que cantou uma cançoneta franceza com muito mimo e malicia e deliciosa graça, recebendo uma longa e estrondosissima ovação; Fanny, que apresentou um perfeito exemplar de mulata réles de *zungu*, sendo pena não lhe permitir a pequenez do papel aproveitá-lo melhor; Coliva, com os seus bellos scenarios da futura *Arenda da Imprensa* (infelizmente deserta, sem a immaginação que lhe hão de dar carros e

transeunos), da *Floresta dos theatros*, e da segunda vieta do scenario do *Olympo*; Currancini, com a sua esplendorosa e bellissima apothose, e Frederico de Barros, com as suas bem observadas scenas de runs e praças.

Cabana dos fiscos.—Xisto Bahia, que estropiou desastradamente os bellos veros do « recado ao publico », que apresentou um detestavel typo do Dr. Ferreira de Araujo e que não soubo tirar partido do capadocio, papel quo, aliás, está nas suas cordas; Blanche Grau, cantando a aria da Mme. Boniface, que nos fez chorar de saudades pela Zelo Duran; Germang, fazendo o actor Galvão, e outros cujos nomes não interessa citar, e ainda mais—o empresario, por ter vestido tão pobre e descuidosamente os artistas, com especialidade os deuses, que pareciam ter vindo de por a opulencia olympica no *prégo*; o Sr. Langlois com os seus ruins scenarios; o Sr. Adolpho Lindner, que não podia ter escolhido peor a musica da revista, e tambem o applaudido Abdou Milanez, cujo *jongo*—tão apregoad e elogiado antes—é mais guarany do que africano e, tendo sido bisado na primeira noite por pedido da *claque*, não o conseguiu ser na segunda, apesar de perfeitamente ensaiado.

Eis a nossa opinião franca sobre o *Mercurio*.

Feita a conta dos *successos* e dos *fiscos*, são aquelles em maior quantidade.

Logo; pode o Lucinda ministrar *Mercurio* ao publico por muito tempo.

PRINCEPE IMPERIAL

Estão adeantados os ensaios da *Sineta do Cordovil*, parodia dos *Sinos de Corneville* pelo auctor do *Zé Capora*—Dr. Oscar Pederneras. Dizem que tem graça e está bem feita. Assim seja.

PHENIX DRAMATICA

Será brevemente representado o quadro supplementar da famosa revista *Ha alguma differença?* intitulado *Desmancha-se a differença*. Emquanto este não se representa, vai-se representando aquella com agrado do publico e ainda maior agrado da empreza.

RECREIO DRAMATICO

Está apurando os ensaios da ultima comedia de Dumais filho—*Francillon*.

Realizou-se no domingo passado a annunciada *matinée* organizada pela Exma. senhora de eximio rabequista Pereira da Costa para a compra de um jazigo para a mallograda *virtuose* D. Luiza Regadas.

O theatro estava repleto.
O programma, que fora habilmente organizado, foi escriptosamente executado. Tiveram as honras da *matinée* Eugenio de Magalhães, que recitou com extraordinario sentimento a poesia *Vista a um tumulo*, escripta expressamente para a occasião por Valentim Magalhães; D. Helena Cavallier, que, pela primeira vez, recitou correctea e energeticamente a poesia *Liberdade*, do mesmo auctor; Mme. Delmary, que, tambem pela primeira vez, cantou uma bouita aria com toda a mestria; e Pereira da Costa, que tocou inexcivelmente uma fantasia do *Ballo in maschera*. Os demais artistas foram justamente applaudidos.

Na *matinée* tambem tomou parte o artista Vasques, que não costuma recusar-se a festas de intuitos generosos como a que noticiamos. Louvamol-o pela inteução mas não pelo uodo porque tomou parte na *matinée*. Não podiamos realmente esperar que Vasques fosse cantar ali o *Ah! como sou besta!*

É verdade que o publico o applaudiu, como sempre o applaude quando elle lhe canta aquella engraçada velharia. Mas Vasques não é para ali um artista qualquer; é um grande artista, um grande talento, uma grande reputação. Não tem, portanto, mais o direito de concorrer a uma *matinée* como aquella, tendo um repertorio tão rico e tão variado, com o que nelle tem de mais estafado e mais pulba.

Perdoo-nos o nosso querido actor esta rude franqueza. Mas aos grandes homone devem-se as grandes verdades.
Produzio-nos inexprimivel impressio de miguia vel-o, no final da cançoneta, improvisar, com a mesma musica marota do *Bu sou besta*, uma quadrinha allusiva á pessoa cujn memoria com aquelle espectáculo se pretendia honrar.

Vasques—sem mais nada—é hoje um nome que impõe ao seu proprietario sérios devrses, pesados encargos, o maior dos quaes é sabel-o hourar devidamente.

P. TALMA.

FESTAS, BAILES E CONCERTOS

Do Sr. Boaventura de Sá, a quem pediram os representasse no festivo do Club dos Girondinos, em S. Paulo, para o qual fomos gentilmente convidados, recebemos a seguinte noticia:

« Afim de solemnisar o 11º anniversario da sua installação, realisou o distincto Club dos Girondinos, em 12 do corrente, um brilhante sarau-concerto.

Deu começo u este agradabilissimo festival o *Pot-pourri da Marinha*, a grande orchestra, habilmente dirigida pelo distincto maestro E. Pons.

Pela Exma. Sra. D. Adelaide Moraes foi executado ao piano o *Scherzo* de Gottschalk, ao qual a graciosa amadora deu magnifico desempenho.

Seguiu-se a parte cantante, que teve principio pelo gracioso canto popular napolitano *Zin, Zin!* que foi finamente cantado pelo maestro Pons. *Le Réveil, tyrolienno* para contrato cantada pela distinctissima amadora Mlle. Gabriella Giraudon, que foi ouvida com muito agrado.

I Vespri Siciliani, bolero para soprano, cantado pela Exma. Sra. D. Palmira Exel, com muita expressão e graça e entusiasticamente applaudido pelo numero auditorio. *La Petite Mariée*, duetto para m. soprano e barytono pela graciosissima Mlle. Camille Paturau e Agollo Ferrão.

Terminou este agradável concerto com o *Pot-pourri do Rigolotto*, executado pela orchestra.

Era avultado o numero de distinctissimas familias, cavalheiros e dignos socios que concorreram a esta esplendida festa, tornando-a verdadeiramente encantadora.

O baile, que teve principio logo apoz o concerto, correu sempre animado e á satisfação de todos, terminando ás 4 horas da manhã.

A mui briosa directoria d'esta sympathica sociedade foi prodiga de gentileza para com os seus convidados os quaes se retiraram todos convictos de haverem passado uma noite verdadeiramente agradável!»

Realizou-se no salão do Cooservatorio de Musica o annunciado concerto do rabequista Pereira da Costa:—um verdadeiro triumpho para o estimadissimo artista, valiosamente auxiliado por Mme. Delmary e os Srs. Gravenstein, Geraldo Ribeiro, Simões Junior e Campos.

Delmary estava n'uma de suas noites felizes.

A cavatina da Linda de Chamounix e a valsa *Cuore di dona* de L. Russo foram interpretadas com muito sentimento e correção.

Geraldo Ribeiro executou magistralmente a *Dernière esperance* de Gottschalk.

Mas os *successos* da noite foram as phantasias sobre *Guilherme Tell* e *Romeu e Julieta*, onde Pereira da Costa foi freneticamente applaudido e *Un petit rien*, quarteto de Henri Hartzog para dois violinos, alto e violoncello.

Esta ultima peça que valeu uma ovação a Pereira da Costa, Gravenstein Simões e Campos, foi *bisada*, causando um entusiasmo indescriptivel.

SOCIEDADE RECREATIVA E A. S. JOSÉ

Esteve muito concorrido o baile com que, em 12 do corrente, esta florescente associação commemorou o 2º anniversario da sua installação. Os salões, ornados com o mais lino gosto e deslun-

brnitos de luzes, estavam repletos de senhoras e cavalheiros, dando enorme animação ao baile que somente terminou no amanhecer do dia seguinte.

A directoria, sempre amavel para com todos os seus convidados, entre os quizes alguns representantes da imprensa, penhorou todos pela sua gentileza e cavalheirismo.

Trocaram-se varios brindes por occasião de ser servida uma delicada esca.

ATHENEU DRAMATICO ESTHER DE CARVALHO

Temos um convite para o baile anniversario quo hoje se realiza n'esta sociedade.

Agradecemos.

CONGRESSO BRAZILEIRO

No concerto realizado por esta distincta associação, a 12 do corrente mez, fizeram-se ouvir os seguintes amadores: D. Maria da Cunha Bettencourt, em uma phantasia da *Sonambula*, para piano; D. Bellini; D. Rosalina de Lima, bella voz do soprano, em uma uria da *Força do Destino*, de Verdi; O menino Jeronymo Silva Junior em uma phantasia para violino, de Bériot, acompanhado ao piano pela Exma. Sra. D. Rita da Silva; J. Guedes, que tocou com inexcusavel correção um solo para clarinetta, da *Traviata*, de Spadina; D. Emilia Moreira, no Grands Galoppe para piano, de Katerer, e D. Rosalina de Lima na valsa da *Dinorah*, de Meyerber.

Com um programma tão bem organizado e desempenhado, não podiam deixar de ser, como foram, phreneticamente applaudidos todos os distinctos amadores que compõem o notavel grupo artistico do Congresso, partilhando egualmente d'esses applausos os Srs. M. Pinto Sayão, director do concerto, e Alberto Motta que acompanhou varias peças no pinno.

Poz terino a bella festa do Congresso um animadissimo baile, que durou até ás 5 horas da manhã, para o brilhantismo do qual muito se empenhou a digna directoria, que teve o prazer de ver coronados de bom exito os seus perseverantes esforços pela prosperidade da associação.

Nossos parabens e nossos agradecimentos pelas gentilezas recebidas.

LORGNON.

NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

Sob o titulo *Novos Versos*, chegn-nos de Santa Catharina um folheto firmado pelo Sr. Benjauin Carvalho. Neste voluminho o Sr. Benjamin expande as suas ideias sobre a creação de um novo metro para o verso portuguez, metro que dá ao verso quatorze e quinze syllabas.

O *heptadissyllabo* ou *pentadecasyllabo* é dividido em dous hemistichios; sendo o primeiro menor que o segundo. Como vêem os leitores, esta qualidnde de verso nada mais é do que um prolongamento sea elegancia, do alexandrino, que a nosso ver satisfaz completamente as exigencias do assumpto, da fertilidade e da imaginação do poeta. Querer dar maior campo á poesia como pretende o Sr. Benjamin, é demolir os bellissimos e varios moldes do verso e fazel-o entrar no dominio de um prosa mal alinhavada, sem *tournaire* e balda de acção, pois que, alem de outras peias está sujeita á rima, que de quando em vez fere os tympanos do leitor, como um som longiquo de fanhosos instrumentos.

Para não nos perdermos em outras considerações, ali vai um specimen do *heptadissyllabo* ou *pentadecasyllabo*:

«vem assomando a surors, vão os trevos despedindo; de nuvens aureas, rubras vai-se o céu mostrando lindor; eis, silm, rompe o dia: já desperta a astureza, nuni framito de vide, ds harmonis, de grandeza.»

Horror! Sr. Benjamin!

A.

JORNAL E REVISTAS

Revista de Estradas de Ferro. — Temos recebido os numeros d'este anno d'esta importante revista, de redacção do engenheiro civil Dr. Francisco Picanço. Vem ricos de artigos da primeira ordem sobre estradas de ferro e estatistica.

A *Revista* está no terceiro anno de sua existencia, que é tanto mais gloriosa quanto sabemos que o seu reductor está preso em casa por uma paralyxia que o priva de ir pessoalmente tractar da publicação e dos interesses do seu jornal.

O Dr. Francisco Picanço foi tambem o fundador da *Revista de Engenharia*, boje dirigida pelo Dr. Americo dos Santos; é auctor de livros notaveis, um dos quaes, a *Viaduo ferrea do Brazil*, tirou o grande premio de ouro com, que o Club de Engenheiros coroa annualmente o melhor trabalho que apparece sobre engenharia.

Muito devem, pois, os engenheiros brasileiros ao Dr. Francisco Picanço. Agradecemos os numeros da *Revista de Estradas de Ferro* que temos recebido e desejamos-lhe as prosperidades de que é merecedor.

Revista de Guimarães. E' o titulo de uma publicação da Sociedade Martins Sarmento, que funciona no Porto. Da leitura que fizemos d'este numero, o de do corrente anno, vemos o quanto é ella importante e instructiva.

Contem, além de outros estudos, a introdução d'Os Argonautas (Subsidios para a Antiga Historia do Occidente) e uma interessante parte litteraria.

O *Occidente* n. 214. Ornam este exemplar bons gravuras, destacando-se as que representam o Sexto Salão de Quadros. Apparecem tambem as secções do costume e com elle a scintillante prosa de Gervasio Lobato, de Monteiro Ramalho, de Pinheiro Cbagas e de Ramos Coelho.

Da casa Au petit Journal o *Salon de la Mode*, n. 9, anno XII. Vem cheio de elegantes figurinos, moldes, etc., tudo referente ás ultimas modas parizienses.

Recebemos o n. 229 do *Mequetrefe*. A sua primeira pagina é illustrada por um bom retrato do fallecido Dr. João Silva, a central pelo cap. I das *Aventuras de um fazendeiro na corte* que promettem ser espirituosissimas e que serão um bello pendant para o *Zé Caipora* da *Revista Illustrada* e a ultima pagina por uma allegoria á 1ª sessão litteraria do Gremio Letras e Artes.

Tudo isto é abrilhantado por um texto bem escripto donde se salienta — *Uma especie de chronica* firmada por F.C.

De numero a numero, faz progressos n importante publicação illustrada que apparece nesta corte sob o titulo — *Brazil Illustrado*.

O ultimo numero que é o 5º, está recheado de bellos artigos e de bem traçados desenhos, destacando-se d'estes por digaos de maior lavour a gravura, copin de uma marinha de E. Rouéde e a *Entrada da Rua Primeiro de Março*. Fecha este numero uma deliciosa *Historia sem texto*.

E' pena que se encontre em um dos artigos a injusticia de se dizer que o habil xilographo Alfredo Pinheiro é o «unico de merito» que actualmente possui o país. Ahí está o Sr. Villas Boas que não pode ser esquecido, pois é tambem muito habil.

Está recommendavel o n. 5 do anno XVI da *Estação*. Traz, além de um bello numero de varios e modsrnos figurinos, duas boas gravuras *O Tattersol em Berlin* e a *Volta do Rebento*. Na sua pequena aia mas bem tractada parte litteraria, apparecem *Quincas Borba* de Machado da Assis a uma elegante *Chroniqueta de Eloy o heróe*.

S.

A VIDA ALEGRE

Foi uma festa encantadora a que proporcionou o club *Tenentes do Dia*, no sabbado ultimo, aos seus socios e convidados, em homenagem á commissão de carnaval.

O seu vasto salão estava luxuosamente ornamentado, sobre-salindo ao fundo o magestoso trophéo, em d'qual figurava o glorioso *Beija-Flor*, que no carnaval fora alvo de ruidosas manifestações. Ao centro, em forma de ferradura, ostentava-se a magnifica meza do banquet, enfeitada e arranjada com elegancia e capricho.

As 10 1/2 horas da noite foram servidos, ao som de bem executadas peças pela banda de musica do Corpo Policial da Provincia, os pratos que faziam parte do escolhido *menu* constante de uma deliciada *carte impressa* em papel cor-de-rosa, com elles os deliciosos vinhos, tornando-se dignos de todos os... gorgonilhos e champagne, que era do bom.

O banquette correu animadamente, trocando-se, na occasião do estylo, varios brindes; a imprensa que se achava representada pelos seguintes senhores: Mesquita (*Jornal do Commercio*), Oliveira (*O País*), Gregorio de Almeida (*Diario de Noticias*), Peixoto (*Gazeta da Tarde*), Eduardo Salomonde (*Novidades*), Figueiredo Coimbra (*Mequetrefe*), Giovanni Luglio (*Voce del popolo*) e Alfredo de Souza (*A Semana*), foi saudada em nome dos *Tenentes* por um doa seus socios, a cuja saudação respondeu o representante do *Diario de Noticias*, *Gazeta da Tarde*, *Jornal do Commercio* e o d'esta folha, seguiu-se o discurso do Sr. Carlos de Moraes, secretario dos *Tenentes*, que brinçou ao Dr. Valentim Magalhães e ao representante d'*A Semana*.

Findo o banquette principiou o baile que se terminou pelas 3 horas da manhã, retirando-se saudosissimos todos os socios e convidados.

Foi uma festa encantadora, repetimos. *Atturrah* aos *Tenentes*!

PONSARDIN.

FACTOS E NOTICIAS

GREMIO DE LETRAS E ARTES

Contra o desdem de muitos, a opposição de alguão a indifferença de quasi todos, vai proseguindo esta nascente associação de artistas e escriptores na sua carreira difficil, mas por isso mesmo tanto mais honrosa.

A principal objecção, ou melhor a mais empregada *rescusa* contra o Gremio é que *nao tem utilidade apparente*. «Para que serve?» — perguntam os pessimistas, mais por habito e moda, do que por convicção.

A essa pergunta, que envolve uma razão de cabo de esquadra, ja hoje pode responder o Gremio com a noticia da sua primeira sessão litteraria, effectuada no dia 10 do corrente; pois que, quando não tivesse outros uns mais elevados e uteis—como tem realmente—basta a o de proporcionar aos seus socios agradaveis noites de leitura escolhida e brilhante e de amistosa confabulação sobre cousas de arte e litteratura, nesta cidade onde a gente se aborrece e onde não ha um centro para os homens que vivem do trabalho mental, bastaria esse fim para demonstrar a utilidade do Gremio.

Não podia elle inaugurar mais agradavel nem mais brilhantemente as suas sessões do que o fez.

O principal motivo d'aquella primeira reunião era a apresentação do esperado livro de versos do nosso compaibeiro Filinto de Almeida—*Lyrica*.

As 8 horas da noite, reunido um numero de socios superior ao que era rassavel esperar em uma primeira sessão, foi esta aberta pelo Sr. Arthur Azevedo, vice-presidente servido de presidente, e teve a palavra Filinto de Almeida, que leu algumas composições do seu livro, escolhidas entre as inéditas e as mais favorecidas pelo apreço publico quando foram anteriormente publicadas na imprensa. Todas as composições foram ouvidas com profunda attenção e muito applaudidas.

O Gremio acolheu a *Lyrica* com as

mais eloquentes provas de apreço e estim.

Em seguida Rodrigo Octavio leu uma vigorosa e bella poesia intitulada *O ultimo beijo*, que produziu magnifica impressão nos ouvintes, e que hoje haura as nossas paginas.

Seguiu-se o actor Vasques, que fez uma agradável surpresa, lendo a sua scenca comica ficticia, que elle compoz para o seu proximo beneficio, intitulada *Os capoeiras*. Não se descreve o effeito que produziu esse trabalho, um doa melhores que no genero tem fello e popularissimo actor.

Engraçadissimo, Vasques propõe-se nelle n provar que a capoeiragem é instituição benemerita e antiquissima que vem desde Adão e Eva os quaes depois de terem passado uma *rastira* em Jehovah, foram postos firmo Ellen a *ponha-pés e cabeçadas*, que tudo está em se poder metter a cabeça, como Victor Hugo, que, em vida, metten a d'elle na *Immortalidade* etc...

Em summa—um rosario de excellentes pilherias que o Gremio teve a honra de ouvir antes do immenso publico que na noite do beneficio do Vasques ha de ir applaudir.

Depois, Olavo Bilac recitou, de cor, a primorosa e longa poesia *Inédita Profissão de fé* com que ha de abrir o volume que está para publicar.

E' uma composição admiravel pelo vigor do pensamento como pela perfeição da forma. Teve o acolhimento merecido.

Em seguida Alberto Silva recitou, tambem de cor, uma encantadora poesia *O carro de bois*, que pertence a um poema americano em que está trabalhando. Foi um successo essa admiravel composição, que os leitores hão de ter occasião de ler nesta folha, pois o seu joven auctor teve a gentileza de nos a prometter.

Valentim Magalhães leu, em prova—para tambem concorrer com a leitura de um trabalho inédito—o artigo *P. de S. Victor* publicado no ultimo n. d'esta folha.

Fechou a sessão, e com chave de ouro, Arthur Azevedo, lendo o antelognio, em verso, da sua nova revista *Mercurio*, que tem de ser recitado pelo actor Nisto Bahia antes de subir o panno.

E' uma defeza—aliás ociosa—doe Inuitos das *revistas* de Arthur Azevedo e Moreira Saupnio, que não visam injuriar ninguém mas apenas satyrisar sem violencia e brincar sem offensa.

Assim terminou a sessão, que foi, a todos os respeito, magnifica. Oxalá que—como é de esperar—não lhe sejam inferiores as que se lhe seguirem.

Uma das primeiras será para exposição de novos quadros de Belmro de Almeida e Aurelio de Figueiredo, recentemente chegado de Montevidéo.

Outra terá por principal motivo a leitura da traducção em verso que, sob o titulo *Triboulet*, fizeram Olavo Bilac e Aluizio Azevedo da celebre peça de Victor Hugo — *Le roi s'amuse*.

E em uma das seguintes sessões o Dr. Cyro de Azevedo lerá uma comedia, a que está dando n ultima da mão.

Como se está vendo, é auspicioso o inicio da vida do Gremio de Letras e Artes e brilhantissimo o seu futuro.

A sala do Gremio, á R. do Hospicio, n. 97, está todos os dias aberta das 11 da manhã ás 10 da noite. Os socios all encontrarão, além de todos os jornaes da Corte, muitos das provincias a alguns francezes.

Já começaram os donativos para a biblioteca.

GASA CLAPP

Sob a rasão social de João Clapp & Filhos, abriu-se ante-hontem na rua dos Onrives n. 60 um estabelecimento commercial para a venda de porcellanas, crystaes, vidros etc. de que são proprietarios o Sr. João Clapp e seus filhos Ataliba e Telasco.

Para a inauguração foi convidada toda a imprensa da Corte com excepção do *Jornal do Commercio*, e foi-lhe servido um deliciado *lunch*.

Ao brinde que o Sr. Clapp fez á imprensa respondeu, em nome d'esta, o director d'*A Semana*, fazendo votos pela prosperidade do novo estabelecimento a audando no chefe da honrada familia Clapp um valente e prestimoso coopecador da Imprensa e xtreuno defensor das boas e grandes causas sociaes.

O ultimo brinco foi arguido pelo chefe da Confederação Abolicionista ao

dã em que se extinguir a escravidão no Brazil.

Cada folha foi brindada com um elegantissimo copo de fino crystal tendo gravados o nome da folha, um emblema o uma dedicatória da casa offurtante.

No d'A Semana uma pomba empunha a penna e escreve em um jornal que pelo formato parece o nosso.

No da Revista Illustrada tendo o gravador, por engano, aberto um retrato do Imperador, remediou o mal, pondo na cabeça de S.M.—um barrete phrygio! Tem graça.

Recomendamos ao publico a bem montada Casa Clapp, que promete vender a preços ultra-commodos.

Chegou de S. Paulo o Sr. Léó d'Affonseca, redactor do *Diario Mercantil*.

Sempre amavel, chic, sympathico: chapéu á Rubens, monocóto á Eça de Queiroz e bigode á mosqueteiro de Dumas. Comprimentamol-o.

A nossa elegante collaboradora D. Adelina Lopes Vieira acha-se de volta a esta capital depois de uma ausencia de longos mezes em que esteve, por motivos de molestia, na cidade do Campinas. Voltou inteiramente restabelecida, o que nos dá a grata esperança de em breve reencontrar a publicação das suas deliciosas *Paletas femininas*.

De volta de sua viagem ao Prata está nesta Corte o distincto pintor Aurelio de Figueiredo, que foi apreciadissimo em Montevidéu.

Veio de Pariz, onde esteve um anno e tanto aperfeiçoando-se em seus estudos, o estimado pintor Firmião Monteiro

Esperamos anciosamente a exposição dos seus novos quadros.

Acha-se bastante enfermo o nosso illustre collega, redactor do *Jornal do Agricultor*, o Sr. Dias da Silva Junior, a quem desejamos promptas melhoras.

No domingo ultimo partio para S. Paulo o nosso querido companheiro Filinto de Almeida, que foi apresentar a sua *Lyrice* á imprensa e ao publico paulista. Deve regressar no fim do mez.

A acreditada *Imperial Drogaria e Pharmacia Diniz*, que funcionava sob a firma Diniz & Lorenzo, ficou a cargo da firma individual do Dr. F. C. Diniz.

O Sr. Manoel Joaquim da Costa e Silva abriu em Campus uua fabrica de café sob o titulo *Fabrica Perola de Torrar Café*. A julgar pela amostra que recebemos, o café Perola é uma perola, no genero. E' Moka... sem ser moca.

O Sr. Lamellino de Carvalho, professor de cartographia, offereceu-nos um exemplar da sua util e curiosa *Carta das definições Geographicas*.

E' um trabalho este que hora sobre maneira o seu auctor e que vem, em muito, facilitar o estudo da geographia.

Os Srs. Augusto Leuba & C. enviaram-nos uma folha de desfolhar, presa a um lindissimo chromo, no qual um official de marinha faz ver a uma companheira de viagem as vantagens da Fernet Branca para evitar o mal de mer.

O Club Athletico Fluminense realizará amanhã, ás 5 horas da tarde, mais uma das brilhantes festas com que ha muito se habituou a deliciar os seus socios e convidados.

RECEBEMOS

— *Relatorio* — da Imperial Associação Typographica Fluminense, apresentado á Assembléa Geral pelo conselho administrativo em 16 de Janeiro do corrente anno.

E — *Catalogo* — do Museu Escolar Nacional, organizado pelo Sr. Julio de Lima Franco, a quem muito deve o *Museu Escolar* do que hoje tem de apreciavel no methodo e ordem de organização.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde.—Rua do Carmo n. 36.

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Luhaíma, 31, do moio-dia ás 2 horas.

Dr. Henrique do Sa, especialista de syphilis e molestias das crianças.—Rua Primeiro de Março, 12 (consultas de 1 1/2 ás 3 horas)—Residencia: Rua de S. Clemente, 94.

Imperial Fabrica de Cerveja e aguas mineraes—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fora.

Constructores de machinas e aparelhos para lavoura—Schubert Irmãos, Haas & C.—Juiz de Fora.

O cobrador Bernardo da Silva Brandão Junior continúa a receber cobranças pór porcentagem razoavel. Cidade de Ouro Fino, Minas.

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F Leopoldina. Minas.

Corrêa da Silva & C. é a unica casa da barateza na Villa de Sapucaia.

Hotel das Familias dirigido por A. M. de Miranda Leone Mogy-Mirim. Provincia de S. Paulo.

«O Municipio» — Redacção: DR. FORTUNATO MOREIRA e L. DE TOLEDO — Gerencia: WENCESLAU ROSA — CASA BRANCA.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

Dr. Araujo Filho—Medico parteiro; Residencia, rua Visconde do Rio Branco, n. 36

Julio Cezar Tavares Paes encarrega-se de liquidações amigaveis ou judiciaes na cidade de Muzambinho e seu termo.

O Hotel Derby, na rua Sete de Setembro, n. 5, serve com acoo e optima cosinha. Esplendido terraço com caramanchões.

Dr. Cyro do Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

Advogado.—O Dr. João Marques mudou seu escriptorio para a rua 1.º de Março n. 23.

Relojoeiro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Photographo—Hygino Lopes—Barbacena.

Lindolpho Coimbra—Bacharel em bellas artes: photographo, chimico e oleographo. Rua de Santo Antonio—Santos.

Solicitador—Francisco R. de A. Novaes—Juiz de Fora.

F. Navarro de M. Salles — encarrega-se de defezas perante o jury. Muzambinho—Minas.

Augusto Luzo.—incumbe-se gra tuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

Instrução Primaria e Secundaria

PIANO E CANTO

D. Maria José de Albuquerque Camara

Tem ainda algumas horas disponiveis para o ensino d'aquellas materias.

RECADOS NESTE ESCRIPTORIO

LAEMMERT & C.

EDITORES

Sahiu á luz e acha-se á venda a obra completa das

MEMORIAS DE JUDAS

POR

F. PETRUCCELLI DE LA GATTINA

vertidas para a lingua portugueza por M. C. da Rocha, 1 volume de mais de 450 paginas in-8º. Preço: brochado 3\$ encadernado 4\$000.

O notavel romance historico, cuja traducção offerecemos hoje ao publico, é muito conhecido e apreciado na velha Europa. O seu actor, Petrucelli de la Gattina, um dos chefes do radicalismo italiano, publicou-o em francez, em 1867, em Paris, porque a influencia papal não consentiu que nessa época o sublime trabalho do chefe democrata fosse publicado em terras da Italia e na sonora lingua de Dante.

Recommenda-se este romance pela fidelidade e talento com que o autor soube descrever os usos e costumes do povo judaico, as paixões politicas, as intrigas e o fanatismo que acabaram aquelle bello paiz sob a dominação dos romanos. Destaca-se d'este quadro a grandiosa figura de Christo, que naquella sociedade corrompida soube conservar a inteireza do seu character, preferindo soffrer uma morte gloriosa a renegar seus principios de amor e fraternidade universal.

66 Rua do Ouvidor 66

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thoreza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

D. M.

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preço, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRIPTORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

EMULSÃO

DE

SCOTT

DE OLEO PURO DE

FIGADO DE BACALHÃO

Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta do hygieno e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tisica, bronchitos, es-crophulas, raohitis, anomia, debilidade em geral, defluxos, tosse chronica e affecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simples de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinas e nutritivas do oleo, além das propriedades tóxicas e reconstituintes dos hypophosphitos. A' venda nas drogarías e boticas.

Myst. da Ind.

Xav. de Mont.

GAZETA LITTERARIA

Director e Proprietario

ALFREDO DE PAIVA

REVISTA MENSAL — REDACÇÃO EM PETROPOLIS

Letras, Sciencias, Artes, Industria, Comercio. Collaborada por distinctos escriptores e homens de letras.

O 4º numero sahirá em janeiro proximo futuro, constando d'ahi em diante de 8 pag. papel superior, nitida impressão. Serão distribuidos supplementos, gravuras, etc. aos assignantes.

E' correspondente da *Gazeta Litteraria*, em Paris, o Sr. A. d'Oliveira Costa, director do *Courrier de Paris* e socio da *Agence de Publicité Etrangère*.

ASSIGNATURAS

58000 por anno — 500 rs. n. avulso (Pagamento adiantado)

Toda a pessoa que agenciar 10 assignaturas terá direito a uma gratis.

Dr. João Botelho, medico e operador; molestias venereas, syphiliticas e das vias urinarias. Operações de pequena e alta cirurgia. Applicações medicas e cirurgicas de electricidade. Rua dos Andradas, n. 51, por cima da antiga pharmacia Fragozo, das 12 ás 3 horas.

ORIENTE

E' geralmente conhecido como nma especialidade no seu genero o *Café Oriente*, da fabrica a vapor de Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25

9 C LARGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a respectiva tableta—annncio.

Typ. d'A Semana, rua do Carmo n. 36, sobrado.